



CURIA GENERALE DEI
FRATI MINORI CAPPUCCINI
Via Piemonte, 70
00187 ROMA - ITALIA
Tel. 06/ 462 01 21
Fax 06/ 482 82 67

Prot. 01023/96 - Circular nº 10

MENSAGEM PARA O SANTO NATAL

*A todas as Irmãs
e a todos os irmãos da Ordem,*

Caríssimos irmãos e irmãs,

*«E os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus
por tudo o que tinham visto e ouvido» (Lc 2,20).*

1.1 Uma vez Chesterton disse: *«Se eu tivesse uma única oportunidade de pregar, falaria contra o orgulho»*. Não é por acaso que semelhante afirmação seja de uma pessoa que admirava e amava São Francisco de Assis. Francisco identificou corretamente o orgulho com o crescimento canceroso que maculou a inocência da humanidade. Da humildade da Encarnação, ele aprendeu que o orgulho se destrói com a vivência que nós, como franciscanos, aprendemos a conhecer com a palavra «minoridade». Trata-se de algo semelhante ao que viram os pastores na manjedoura de Belém. Estavam tão absorvidos de quanto *«tinham visto e ouvido»* que retornaram a cuidar dos rebanhos *«glorificando e louvando a Deus»*.

A boa nova aos pobres

2.1 No início de seu ministério, Cristo declarou que foi *enviado «a anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4,18)*. Cristo tinha abraçado o «ministério da minoridade» no presépio de Belém, onde se manifestou aos pastores e ao mundo como «irmão menor». São Paulo nos convida a contemplar, com ele, esta maravilha das maravilhas em seu famoso hino: *«Ele tinha a condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se à si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens» (Filip 2, 6-7)*.

2.2 Em seguida, nos Evangelhos, os pobres e os pequenos são definidos como cidadãos do Reino. Um dia Cristo foi convidado a jantar na casa de um dos chefes dos fariseus. Os convidados eram «pessoas importantes»: líderes religiosos, políticos e comerciantes. Jesus não pertencia ao mundo deles. Ele não era um convidado de honra, mas um tipo de atração digna de curiosidade, um motivo para conversa. Cristo escolheu este contexto para contar uma parábola:

«Nenhum daqueles que foram convidados vai provar do meu banquete» (Luc 14, 24). Por que? O rico e o poderoso deste mundo, «aqueles que contam», estão muito ocupados nos seus interesses para aceitarem o convite de Jesus. Mas eles não foram excluídos por Jesus. Eles também foram convidados, mas eles estão ocupados com outras coisas. Jesus deseja partilhar o seu mundo com eles, mas eles desdenham a proposta. Os únicos que participam desta nova vida são «os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos» (Lc 14, 21). Os pequenos deste mundo dispõem de tempo e sentem a necessidade de Deus.

2.3 No Evangelho de João, Jesus descreve este encontro de pequenos como uma fraternidade de amor: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameís uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros» (Jo 13,14). Em seguida, Jesus indica aos apóstolos e aos discípulos que esta fraternidade se constrói através do ministério da minoridade. A quem segue Jesus é proibido procurar os melhores lugares e os títulos honoríficos. Ao invés, «o maior dentre vós será aquele que vos serve» (Mt 23,11). O lava-pés, no Evangelho de João, representa o evento que constitui a comunidade eucarística: «Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais» (Jo 13, 14-15).

A humildade de Jesus cura o nosso orgulho

3.1 Francisco encontrava-se de tal maneira imerso na humildade de Jesus em sua Encarnação que não conseguia encontrar um adjetivo para descreve-la (cfr *Epistola a todos os fiéis*, 13). No entanto, compreendeu imediatamente a mensagem evangélica e formou a «fraternidade dos pequenos» que Jesus chamou como os possuidores dos segredos do Reino de Deus: «Desejo que esta Ordem seja chamada a Ordem dos frades menores». Tomás de Celano descreve o que significavam estas palavras: «De fato, eram menores, porque submissos a todos, sempre procuravam o pior lugar e queriam exercer o ofício em que pudessem haver alguma desonra (...) e como pedras vivas, recolhidas em todas as partes do mundo, tornaram-se templo do Espírito Santo» (1 Cel 38).

A minoridade descreve como devia ser o relacionamento dos irmãos entre si e com o ambiente que os circundava. Tudo isto resulta claro dos mesmos escritos de Francisco:

— «E ninguém seja intitulado 'prior' mas todos sejam designados indistintamente como 'frades menores'» (Rnb VI, 3).

— «E devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos, leprosos e mendigos de rua» (Rnb IX, 3).

— «Nenhum irmão... jamais seja capataz, nem administrador, nem exerça cargo de direção na casa em que serve... em vez disto sejam os menores e submissos a todos os que moram na mesma casa» (Rnb VII, 1-3).

— «Iguamente, nenhum irmão exerça uma posição ou cargo de mando, e muito menos entre os próprios irmãos» (Rnb V, 12).

3.2 Francisco entendeu claramente a força curativa da humildade estudando a humildade de Deus na Encarnação. Em seguida, Francisco descreveu a *Irmã Água* como «útil, **humilde**, preciosa e casta». A água de cada dia é julgada, pela maioria, como segura e essencial para nossa vida. Facilita muitas transformações mas sempre permanece a mesma. A água sempre procura um lugar em nível inferior, em descida. A humildade nos capacita ao amor e ao serviço. O autor excepcional do livro *Under the Eye of the Clock*, um sucesso nas livrarias, descreve seus sentimentos diante de um amigo da família que se encarregou de ajudá-lo em procurar uma escola que pudesse tornar-lhe a vida mais fácil. Pediu uma máquina de escrever e assim agradeceu: «Você é muito humilde porque cuidou de mim». Estas palavras exprimem os sentimentos de Francisco na presença de um Deus humilde que assumiu todas as criaturas, não só tornando-se um de nós mas até morrendo por nós.

3.3 O presépio de *Greccio* nos revela a potência evangélica da minoridade franciscana. Depois de descrever a liturgia eucarística e a homilia de Francisco, Celano afirma que «*um homem virtuoso*» viu uma criança na manjedoura que se acordava e tocava em Francisco. O Celano continua levando-nos ao âmago do evento de *Greccio*: «*E essa visão veio muito a propósito, porque o menino Jesus estava de fato dormindo no esquecimento de muitos corações, nos quais, por sua graça e por intermédio de São Francisco, ele ressuscitou e deixou a marca de sua lembrança*» (1 Cel 86).

Tais palavras assumem grande significado quando lembramos o que Celano acentua: «*De muitos lugares foram chamados os irmãos*» (1 Cel, 85). A minoridade de Francisco e a sua fraternidade de irmãos menores representou na manjedoura de *Greccio* a mesma realidade que sentiram os pastores na gruta de Belém. A fé renasce: «*Quando terminou a vigília solene, todos voltaram contentes para casa*» (1 Cel, 86).

Fazer o presépio

4.1 Aproximando-nos da solenidade do Natal do Senhor, os irmãos em todas as nossas fraternidades iniciam a montar o presépio, tão característico neste período do ano. O presépio, embora muito bonito e bem ornamentado, permanece uma obra sem vida se não a receber daquela fraternidade de irmãos menores que deu vida à manjedoura de *Greccio*. Os últimos dias do Advento nos permitem criar um clima para que o presépio seja autêntico: uma fraternidade da graça, caracterizada pela verdadeira minoridade. A presença do presépio em nossas igrejas e fraternidades é uma catequese viva somente quando alimentada pelo testemunho de frades menores. A liturgia de colocar solenemente o Menino Jesus no presépio durante a Missa de meia-noite, pode transformar-se em momento de revelação e de convite para os que possuem um coração anelante de paz e alegria.

4.2 Na meditação pessoal e no diálogo entre nós poderemos tentar dar uma expressão viva e concreta em nossa vida pessoal e comunitária ao que prescreve a Primeira Regra de São Francisco: «*...nenhum irmão exerça uma posição ou cargo de mando, e muito menos entre os próprios irmãos*» (Rnb V,9). As nossas *Constituições*, em seu nº 34, 3-6, indicam esta atitude de minoridade entre os irmãos:

- «*... chamemo-nos todos indistintamente de irmãos*» (84,3);
- «*a precedência necessária para o serviço da fraternidade provém dos cargos e ofícios que estão sendo exercidos atualmente*» (84,4);
- «*... os ofícios e serviços devem ser abertos a todos os frades, com atenção, porém, para os atos que requerem a sagrada ordenação*» (84,5);
- «*todos se ajudem mutuamente de acordo com os dons que receberam, mesmo nos serviços que têm que ser feitos diariamente em nossas casas*» (84,6).

4.3 O Advento oferece também a oportunidade de pensar na essência da obediência franciscana: uma comum procura da vontade de Deus na submissão ao Espírito Santo, o Ministro geral de nossa Ordem. As nossas *Constituições* nos dizem:

— «*Em força de nossa determinação de viver na obediência... desejemos ter o último lugar na comunidade dos discípulos do Senhor, servindo-nos mutuamente na comunidade do espírito e submissos a toda humana criatura por amor de Deus... Dóceis ao Espírito Santo, busquemos e cumpramos na comunhão fraterna da vida a vontade de Deus em todos os acontecimentos e em todas as atividades*» (155, 1, 3).

Esta procura comum nos convida a esvaziar-nos de nós mesmos, dos falsos ídolos do individualismo e de dar-nos importância. Francisco nos indica um modelo de obediência que é «*verdadeira e capaz de amor*», uma obediência que pressupõe a fraternidade de irmãos e que, nela e através dela, encontra sua

identidade. A obediência equívale à fé e a fé significa estar sempre em atitude de escuta. Atitude de fé, atitude obediente: esta é a verdadeira minoridade, o evangelho vivenciado.

4.4 Lucas, ao descrever o nascimento de Jesus, afirma: «... não havia um lugar para eles dentro da casa» (2, 7). Havia lugar para outros mas não **para eles**. Desta maneira, não aceitando o pobre carpinteiro e sua mulher grávida, os hoteleiros se subtraem da revelação da Glória de Deus. Belém nos demonstra que toda revelação da presença de Deus, sob a forma humana, inicia com o sinal da fraternidade do fraco e do impotente deste mundo: no casal de Maria e José, na comunidade dos pastores. O presépio natalício nos pede abrir-nos **para eles**, o pobre e o marginalizado. Durante nossos capítulos locais, nas reuniões com nossos colaboradores pastorais e com os conselhos paroquiais podemos perguntar-nos como o espírito do presépio pode ajudar-nos a conceder a prioridade ao esquecido e ao excluído: «e lá, o encontrareis».

4.5 O verdadeiro sentido do nascimento de Cristo, como no tempo de *Grecio*, por muitos foi esquecido e muitos o perderam de vista. A experiência do presépio, construído no centro de nossas fraternidades de irmãos menores, nos conduza à fonte da salvação em Cristo Jesus.

Fraternalmente,



John Corriveau

frei John Corriveau, O.F.M. Cap.
Ministro geral



Os únicos que participam desta NOVA VIDA são «os pobres,
os aleijados, os cegos e os mancos».